**ATIVIDADE PARA O DIA 08/06**

**José Carlos Camillo**

**Resumo do texto de Moll & Tomasello (2007). ‘Cooperation and human cognition: the vygotskian intelligence hypothesis’.**

Os autores propõem a hipótese vygotskiana da inteligência, segundo a qual a inteligência humana se desenvolve por causa das atividades cooperativas com as quais os bebês se engajam. Para defender essa hipótese, a linha de argumentos que eles usam depende de uma comparação entre as atividades sociais/cooperativas em infantes humanos e em primatas (basicamente os exemplos são de chimpanzés), que, segundo os autores, seriam mais voltados à competitividade. Inicialmente, os autores relembram que em espécies sociais a “leitura do outro” (entendimento de emoções e intenções alheias) é essencial para os indivíduos. E nisso, já aparece a primeira diferença entre humanos e chimpanzés: os chimpanzés conseguem fazer essa leitura melhor em contextos competitivos do que em contextos colaborativos, enquanto humanos conseguem ler bem os outros em ambos os contextos. Após isso, os autores discutem se chimpanzés têm atividades cooperativas compartilhadas (ou conjuntas). Esse tipo de atividade exige três requisitos: 1) compartilhamento de objetivo; 2) papéis/funções complementares para a realização desse objetivo; e 3) desejo de ajudar o outro a realizar seu papel no alcance do objetivo. Através de estudos anteriores, os autores argumentam que chimpanzés não têm o primeiro e segundo requisito e têm o terceiro de maneira menos complexa que em infantes humanos. Ao contrário dos chimpanzés, os humanos demonstram ações conjuntas desde o primeiro ano de vida. Uma terceira fonte de comparação entre chimpanzés e humanos para tentar argumentar que os primeiros têm uma estrutura social voltada à competição enquanto os segundos a têm voltada para a cooperação é a comunicação. O exemplo de atividade comunicativa usado por eles é o do apontar o dedo. Chimpanzés não conseguem entender o que significa o apontar, a menos quando eles apontam para pedir algo aos seres humanos. Segundo os autores, ser capaz de entender o ato de apontar exige uma capacidade de “transferência de perspectiva”. Essa cognição perspectivista parece essencial para a realização de atividades conjuntas, pois permite a atenção conjunta. Isso permitiria o desenvolvimento de outros aspectos da cognição que favorecem não apenas atividades conjuntas online, mas também o uso e criação de artefatos culturais, tais quais o uso de símbolos. Especialmente na linguagem, o entendimento da perspectiva do outro parece essencial. Por fim, os autores argumentam que a atitude cooperativa pode ter surgido a partir do aparecimento de indivíduos mais tolerantes e ajudadores. Esses indivíduos proporcionaram o surgimento de ações cooperativas.

**Questões de Hrdy, Sarah (2009). ‘Meet the alloparents: shared child care may be the secret of human evolutionary success’.**

Observação: apenas após terminar o resumo do texto da Hrdy eu percebi que era para fazer as questões dele e o resumo do outro texto. Então deixei registrado meu resumo:

Esse texto de divulgação científica tem como objetivo apresentar uma hipótese explicativa para a capacidade superdesenvolvida nos seres humanos chamada “intersubjetividade”. A hipótese apresentada pela autora é a de que o cuidado compartilhado de infantes por pessoas além da mãe (aloparentes) tenha contribuído para o desenvolvimento dessa capacidade em seres humanos. Para defender essa hipótese, a autora precisa primeiro defender que ancestrais humanos tiveram aloparentalidade e segundo que esse tipo de cuidado compartilhado contribuiu para uma ótima capacidade de compreensão do outro. No primeiro passo da defesa de sua hipótese, Hrdy tenta demonstrar que outros animais, especialmente macacos, tenham aloparentalidade e que essa característica pode favorecer a espécie ao longo da evolução. Para isso, ela dá exemplos de várias espécies, em especial, de micos e saguis que têm um cuidado aloparental muito desenvolvido. O cuidado aloparental permite que as mães conservem energia, se reproduzam mais e permite que a prole tenha mais garantia de sobrevivência, sendo, então, evolutivamente vantajoso para essas espécies. Além disso, ela cita exemplos de comunidades humanas atuais de caçadores-coletores que também apresentam aloparentalidade. Parece, então, uma hipótese provável acreditar que ancestrais do gênero *homo* desenvolveram a aloparentalidade. O que pesa contra essa hipótese é o fato de que todos os outros primatas são extremamente possessivos com seus filhotes e não permitem esse tipo de cuidado. Hrdy, então, argumenta que o que deve ter diferenciado o gênero *homo* dos outros primatas foram casos relacionados à comida, especialmente a escassez de comida e a necessidade de divisão de tarefas no forrageio. Tais situações, das quais a ingestão de tubérculos que precisavam de tempo, habilidade e preparação parece ser paradigmático para a autora, levaram à necessidade (ou possibilidade maior) de compartilhamento de cuidado dos infantes. No segundo passo (ela não segue exatamente os passos nessa ordem, apenas organizei mentalmente o conteúdo dessa forma), ela argumenta que esse tipo de cuidado de infantes deve ter favorecido o desenvolvimento de capacidades relacionadas à intersubjetividade porque os bebês deveriam prestar atenção a mais de um indivíduo (a mãe) para suprir suas necessidades.

**Questões:**

1. O texto, por ser divulgação, é bem didático e, muitas vezes parece ser um pouco superficial. Por exemplo, eu achei, pelo título, que ela passaria mais tempo desenvolvendo argumentos e exemplos a respeito de como o cuidado aloparental poderia auxiliar o desenvolvimento da intersubjetividade (que é o que ela chama de leitura do outro etc). Mas ela passa por isso rapidamente ao longo do texto e retoma ao final.

2. Um mero detalhe que me chamou a atenção é que ela usa a divisão “macacos do Velho Mundo” (p. 3). Numa das primeiras aulas, você nos ensinou que esse termo já está em desuso por ser considerado colonialista. Como já um texto com mais de 10 anos, não achei estranho ou negativo, só achei curioso porque, apesar de você ter mencionado, em nenhum texto até agora essa divisão havia sido feita. Serviu-me de alerta para reparar em outros textos da área.

3. Eu achei curioso o caso da comunidade de caçadores-coletores que a Hrdy menciona (p. 4), em que desde pequeno as alomães realizam gestos de cuidado com os bebês que faz com que os bebês se sintam confortáveis com elas e também as procurem quando precisam de algo e a mãe não está por perto. Achei curioso porque naquele teste paradigmático da teoria do apego, os infantes tendem a não se sentirem confortáveis quando a mãe sai de perto e a criança fica junto de outra pessoa. Parece que, nesse caso, o tipo de apego que a criança desenvolve é bem diferente da nossa cultura. Um apego compartilhado, digamos assim.

4. Um detalhe que me chamou a atenção positivamente nesse texto é como a autora integra desenvolvimento e evolução na hipótese dela. Na disciplina da professora Renata, a gente discutiu e questionou muito argumentos que se baseiam em como ancestrais dos humanos viviam no pleistoceno. Acho que nesse caso ela soube equilibrar muito bem tanto a ontogenética quanto a filogenética, mesmo num texto curto de divulgação. Ao menos não me pareceu que ela está defendendo que uma característica humana atual é totalmente dependente de como o *homo erectus* vivia. Ao contrário, ela parece querer explicar apenas como essa característica pode ter surgido no gênero *homo*. E ela faz isso recorrendo, também, ao desenvolvimento da criança: ela tendo que interagir com outros cuidadores além da mãe possibilitou o desenvolvimento da intersubjetividade.